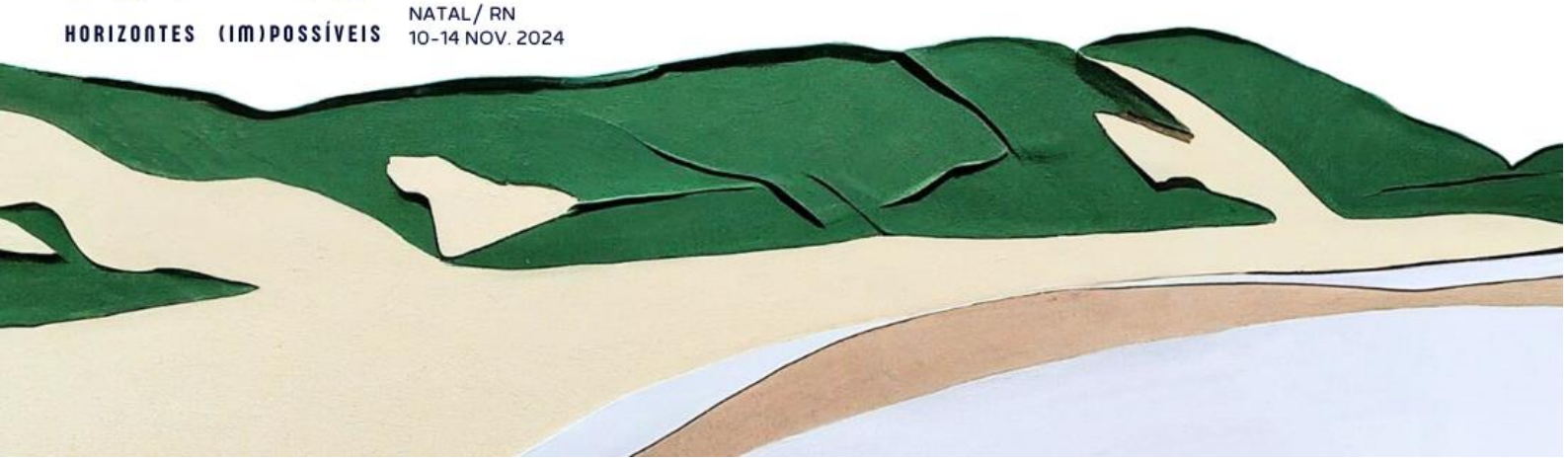
18 SHCU
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO
HORIZONTES (IM)POSSÍVEIS
NATAL/ RN
10-14 NOV. 2024



A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE ROTEIRO CULTURAL A PARTIR DO CAMINHAR

EIXO TEMÁTICO: 2 – REGIMES DE VERACIDADE E HISTORICIDADE

GOES, Gersica Vasconcelos
Doutora; Centro Universitário Christus (Unichristus)/
e-mail: gersica.goes@unichristus.edu.br

RESUMO

O trabalho analisa a importância da prática da educação patrimonial a partir do caminhar. No estudo discute-se como o andar a pé em áreas históricas do Centro de Fortaleza proporciona o reconhecimento de rugosidades do tecido histórico. A pesquisa acompanhou alguns percursos organizados por professores e profissionais vinculados à História, ao Turismo, à Arquitetura e ao Urbanismo. Tem-se como referencial teórico-metodológico a temática do caminhar como instrumento para o reconhecimento da cidade - autores como Paola Jacques (2012) e Francesco Careri (2013). As discussões quanto ao turismo cultural e a proposição de roteiros significativos para os participantes foram fundamentadas nos escritos de Flávia Costa (2014), Hermínia Vargas e Ricardo Paiva (2016). O estudo está embasado em pesquisas bibliográficas, documental e de campo para o entendimento da percepção patrimonial da área central da cidade. Quanto aos resultados, observou-se que os roteiros acompanhados tinham um caráter essencialmente informativo, corroborando pouco para a criação de narrativas com o lugar. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo propor uma metodologia de percurso (roteiro e procedimentos), para que seja possível o estabelecimento de um roteiro narrativo, que tece vínculos entre os participantes com a história da cidade, concedendo um panorama de apreensão do tecido histórico "resistente" na área central.

palavras-chave: educação patrimonial; caminhabilidade; roteiros culturais de Fortaleza; percepção do patrimônio cultural.

ABSTRACT

The work analyzes the importance of practicing heritage education through walking. The study discusses how walking in historic areas of the Center of Fortaleza provides recognition of roughness in

the historic fabric. The research followed some routes organized by teachers and professionals linked to History, Tourism, Architecture and Urbanism. The theoretical-methodological reference is the theme of walking as an instrument for recognizing the city - authors such as Paola Jacques (2012) and Francesco Careri (2013). The discussions regarding cultural tourism and the proposal of meaningful itineraries for the participants were based on the writings of Flávia Costa (2014). The study is based on bibliographical, documentary and field research to understand the heritage perception of the central area of the city. As for the results, it was observed that the itineraries followed had an essentially informative character, providing little support for the creation of narratives about the place. In view of this, the research aims to propose a route methodology (script and procedures), so that it is possible to establish a narrative script, which weaves links between participants with the history of the city, providing an overview of the historical fabric. “resistant” in the central area.

KEY-WORDS: heritage education; walkability; cultural itineraries of Fortaleza; perception of cultural heritage.

RESUMEN

El trabajo analiza la importancia de practicar la educación patrimonial a través del caminar. El estudio analiza cómo caminar en áreas históricas del Centro de Fortaleza permite reconocer la aspereza del tejido histórico. La investigación siguió algunas rutas organizadas por docentes y profesionales vinculados a la Historia, el Turismo, la Arquitectura y el Urbanismo. El referente teórico-metodológico es el tema del caminar como instrumento de reconocimiento de la ciudad; autores como Paola Jacques (2012) y Francesco Careri (2013. Las discusiones sobre el turismo cultural y la propuesta de itinerarios significativos para los participantes se basaron en los escritos de Flávia Costa (2014), Hermínia Vargas y Ricardo Paiva (2016). El estudio se basa en una investigación bibliográfica, documental y de campo para comprender la percepción patrimonial de la zona central de la ciudad. En cuanto a los resultados, se observó que los itinerarios seguidos tenían un carácter esencialmente informativo, brindando poco apoyo para la creación de narrativas sobre el lugar. Ante esto, la investigación pretende proponer una metodología de recorrido (guión y procedimientos), de manera que sea posible establecer un guión narrativo, que teje vínculos entre los participantes con la historia de la ciudad, brindando un panorama del tejido histórico. “resistente” en la zona central.

PALABRAS CLAVE: *educación patrimonial; caminabilidad; itinerarios culturales de Fortaleza; percepción del patrimonio cultural.*

INTRODUÇÃO

O trabalho analisa a importância da educação patrimonial a partir do caminhar. No estudo, discute-se como o andar a pé em áreas históricas do Centro de Fortaleza permite o reconhecimento de rugosidades do tecido histórico. A pesquisa acompanhou alguns percursos organizados por professores e profissionais vinculados à História, ao Turismo, à Arquitetura e ao Urbanismo e propôs a metodologia de um roteiro que proporcionasse a construção de narrativas com a história da cidade.

O objetivo da pesquisa é propor um percurso de caminhada, cujo objetivo é a construção de narrativas que permitam reconhecer e valorizar o patrimônio cultural.

Tem-se como referencial teórico-metodológico especialmente os escritos de Carmem Gil (2014), Cecilia Londres (2012), Jacqueline Moll (2009) e Flavia Costa (2014) para a fundamentação dos caminhos da educação patrimonial, discutindo os aspectos práticos e acadêmicos do tema norteador do trabalho. Outro aspecto apreciado no estudo é o caminhar como instrumento para o reconhecimento da cidade ancorado em textos dos autores Paola Jacques (2012) e Francesco Careri (2013). O estudo está embasado em pesquisas bibliográficas, documental e campo para o entendimento da percepção patrimonial da área central da cidade, bem como as questões que versam sobre a caminhabilidade nos espaços urbanos

Buscou-se inicialmente compreender quais os procedimentos e estratégias empregadas pelos guias culturais para a estruturação e realização dos roteiros, que visam (re)conhecer o Centro de Fortaleza. A seguir está explicitado o quadro resumo com as etapas da pesquisa (Quadro 1):

Quadro 1: Resumo com as etapas do estudo.

ETAPA	DESCRIÇÃO	OBJETIVO
01	Mapear os grupos de guias e professores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Geografia, História, Turismo e Psicologia Ambienta	Identificar os agentes dos percursos culturais e selecionar quais serão os acompanhados pela pesquisa.
02	Identificar quais as principais rotas que são traçadas e inferir sobre quais os motivos que justificam o delineio desses percursos, quais os métodos utilizados nas caminhadas, qual o público alvo desses roteiros.	Apreender metodologicamente sobre os percursos que acontecem na área de estudo.
03	Captar se a forma urbana favorece a realização dos percursos a pé.	Compreender a caminhabilidade dos lugares por onde se desenvolvem os roteiros.
04	Aplicar entrevista semiestruturada e mapas mentais	Captar a percepção dos participantes quanto ao patrimônio cultural.
05	Sobrepor os mapas mentais realizados e as respostas da entrevista que atestem predominâncias de incidências de determinados elementos da área estudada	Assimilar acerca da imagem intersubjetiva do grupo de caminhantes e refletir sobre quais os bens e elementos do percurso foram mais significativos para os participantes.

06	Refletir sobre análise dos dados	Compreender se as atividades de reconhecimento da cidade a partir de caminhadas estão contribuindo para a apreensão da área percorrida como patrimônio cultural.
07	Proposição de um percurso cultural	Contribuir na prática da educação patrimonial através do caminhar, vivenciar e dialogar sobre os espaços patrimoniais de uma cidade.

Fonte: Autora (2020).

A CIDADE COMO NARRATIVA E A EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR

A cidade é naturalmente o lugar do encontro, é nela em que as pessoas são possibilitadas a desenvolverem suas atividades e conhecerem umas às outras. Ao contrário de outras tipologias de ocupação humana, é no espaço urbano que convivem pessoas com pensamentos distintos, conflitos de interesses, realidades opostas, mas que compartilham da mesma cidade para vivenciar essas contradições (Honorato, 1999).

Reconhecer a cidade através das memórias é um exercício que requer a vivência do espaço. É uma forma de sistematizar e ressignificar o entendimento espaço- temporal do lugar em que se habita ou se visita, estabelecendo outra maneira de representar a cidade.

A paisagem de uma cidade pode parecer trivial para seus habitantes, mas a representatividade do lugar é distinta e individual, variando o nível de sentimento de pertencimento entre os moradores. Para Thiago Allis (2012, apud Vargas, 2016), na medida em que as pessoas se tornem "*flâneurs*", caminhando pelo tecido urbano, maior apropriação e apego elas terão. Esse entendimento vai ao encontro do que se defende no presente estudo, em que se postula sobre a necessidade de ir a campo, colocar o corpo na cidade e testemunhar a existência de rugosidades nas áreas históricas, possibilitando ações educativas mais significativas e consequentemente mais duradouras.

O crescimento urbano ocorrido nas cidades de uma forma geral, além de terem diminuído as possibilidades de trajeto para os pedestres, limitou os usos culturais e sociais do espaço urbano: “A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada.” (Gehl, 2013, p.3). Esse fenômeno pode ser considerado um ponto comum em quase todas as cidades do mundo, independente de localização geográfica, condições socioeconômicas e desenvolvimento, que pedestres/caminhantes estão cada vez mais maltratados e com seu espaço reduzido (Gehl, 2013).

Atualmente, há estudos que privilegiam o retorno da prática do caminhar como forma de intervenção urbana. Francesco Careri (2017) e Paola Jacques (2012) criticam o modelo do urbanismo tradicional, em que o urbanista elabora estudos a partir de diagnósticos (desconsiderando valores culturais e especificidades locais), mapas zenitais, zoneados e estáticos. Entretanto, Jacques (2012) esclarece que a errância não substitui a forma tradicional de intervir nas cidades, ela seria uma atualização do tema, ou seja, um outro olhar sobre a cidade, complementando a visão urbanística de planejamento urbano.

Nesse contexto de reversão ou mitigação de perda dos espaços caminháveis, surge uma literatura que objetiva compreender e defender a presença nas cidades (independente do seu porte), a possibilidade do andar e da escala humana. Diante desse quadro, tem-se o âmbito da caminhabilidade. Este é um conceito que trata da qualidade dos espaços caminháveis, concedendo uma escala de o quanto um ambiente é favorável ao andar a pé (Ghidini, 2011; Noriza *et al*., 2013).

Visando estabelecer os pontos norteadores para o entendimento da caminhabilidade do espaço urbano, utilizou-se um quadro comparativo com o estudo elaborado por Roberto Ghidini e os dez passos propostos por Jeff Speck (Quadro 2). Ghidini (2011) elaborou uma análise em que utilizou dois métodos (Chris Bradshaw -1993 e Evandro C. dos Santos-2003) para mensurar a caminhabilidade de uma área. Ressalta-se que em cada um dos trabalhos determinaram dez quesitos para averiguação das condições do caminhar nos espaços urbanos. Nesse ensejo, foram destacados em negrito os elementos que se superpõem aos

estudos dos três autores e podem ser considerados essenciais para a apreensão da caminhabilidade, são eles: qualidade dos passeios, segurança (nos aspectos da violência urbana e viária), mobiliário urbano, usos do entorno, estacionamento e proteção contra intempéries. Dessa forma, acredita-se que através desses fatores, é possível captar o quão favorável é o ambiente para proporcionar a caminhada.

Quadro 2: Comparação entre os autores Bradshaw (1993), Santos (2003) e Speck (2016).

	CHRIS BRADSHAW -1993 (OTTAWA, CANADÁ)	EVANDRO C. DOS SANTOS - 2003 (CURITIBA, BRASIL)	JEFF SPECK – 2016 (USA)
1	Situação das calçadas	Largura das calçadas	Criar bons espaços
		Condições do piso	
2	Segurança do bairro	Segurança	Proteger o pedestre
3	Sensibilidade do serviço do trânsito no local	Travessia (faixa de pedestres, semáforos)	Pôr o automóvel em seu lugar
4	Marcos urbanos do bairro	Uso lindeiro	Criar faces de ruas agradáveis e singulares
			Mesclar os usos
5	Capacidade de estacionamentos na região		Adequar o estacionamento

	Estacionamento de veículos permitido		
6	**Disponibilidade de mobiliário urbano**	**Mobiliário urbano**	**Acolher as bicicletas**
7	**Densidade das pessoas nas calçadas**	**Proteção das intempéries**	**Plantar árvores**
8	Oportunidade de relações sociais	Obstáculos	Deixar o sistema de transporte fluir
9	Idade que as pessoas começam a andar sozinha	Nivelamento do passeio	Eleger suas prioridades
10		Iluminação	

Fonte: Autora (2020).

Soma-se a essas discussões apresentadas, a articulação da caminhabilidade com o potencial do patrimônio cultural atrair e gerar vitalidade na cidade. Há um conjunto de iniciativas, especialmente depois dos anos de 1980, que demonstram como é positivo aliar a preservação do patrimônio a partir da criação de espaços e rotas caminháveis (Soni e Soni, 2016 in Brandão, 2018; Paiva, 2017).

Tendo como base o turismo cultural e a estrutura metodológica de um roteiro, Flávia Costa (20014) define que há dois tipos de comportamentos: *mindless* e *mindful*. O primeiro é mais comumente aplicado aos modelos tradicionais. Eles se caracterizam por atividades previamente organizadas, normalmente excursões, que são marcadas por serem práticas bastante previsíveis e cujo grau de apreensão dos envolvidos é bastante diminuto. A segunda

tipologia caracteriza-se por ter um outro formato, no qual os participantes se tornam reativos às informações que são apresentadas, ou seja, são estimulados a serem mais ativos ao longo do roteiro, contrariando o modelo *mindless*. No formato *mindful* as pessoas estabelecem novas sensações, outras formas de apreensão do mundo e itinerários mais comportamentais.

PERCURSO HISTÓRICO EM FORTALEZA: UM CIRCUITO NA ÁREA CENTRAL

As experiências acompanhadas ao longo da pesquisa proporcionaram algumas considerações. Observou-se que há uma superposição de trajetos e bens analisados, com enfoque para praças, edificações e monumentos que fazem parte da historiografia urbana fortalezense.

Primeiramente não foram identificados roteiros essencialmente do tipo *mindful* nas experiências catalogadas no estudo. Por mais que alguns guias fossem mais interativos com os participantes, foi recorrente o formato de roteiros que centravam mais no guia do que no grupo. Dessa forma, havia um excesso de informações e pouco momentos para imersão no lugar.

Um segundo ponto observado a partir dos relatos dos participantes é que, para os que possuíam vínculos com Fortaleza ou com o Ceará, houve uma vivência mais significativa. Esse fato pode ser por conta do vínculo afetivo já existente e que pode ter sido potencializado através do caminhar orientado para o patrimônio.

Outro apontamento é que foi registrada a existência de um despertar sobre a temática do patrimônio da área central da cidade nos estudantes de arquitetura e urbanismo durante o curso. Há uma diferença de percepção entre os graduandos ao longo dos semestres, independentemente da faixa etária dos discentes.

Outra constatação é que, para haver uma experiência mais relevante, que possibilitasse a construção de vínculos e narrativas com os visitantes de outras cidades, são necessários menos pontos de visitação e mais tempo em cada parada, além de ouvir os participantes e vincular as suas experiências anteriores ao momento presente.

A proposição de uma proposta de caminhada cultural foi elaborada de forma a possibilitar a elaboração de um roteiro mais narrativo do que informativo. Salienta-se que podem haver outros caminhos a serem percorridos que sejam tão importantes e elucidativos quanto o sugerido na pesquisa. A definição do percurso foi construída a partir de algumas diretrizes:

- O percurso deve ocorrer por meio da conexão entre praças e vias pedonais sombreadas;
- Priorizar as praças como pontos de paradas para a discussão;
- Proteger os participantes do trânsito de veículos;
- Escolher espaços com menor concentração de feiras livres e comércio informal;
- Elencar um trajeto em que seja possível percorrer por diversos tempos históricos e arquitetônicos das rugosidades presentes em Fortaleza;
- Ocorrer com duração máxima de 2 horas e 30 minutos;
- Ter o número de 15 participantes.

Objetivando implementar um teste da metodologia sugerida, fez-se uma experiência com um grupo de alunos provenientes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). O material necessário para a caminhada cultural era composto por um conjunto que incluía: *folders* com mapas e explicações do percurso, mapa ampliado do percurso em lona, *post-its*, adesivos, canetas, trechos do livro "A Normalista", trechos de reportagens do Jornal O Pão (1892-1896) e imagens antigas das áreas que seriam visitadas (Figura 1). Os alunos eram de semestres variados pertencentes às disciplinas de História da Arquitetura, Conservação Integrada e do grupo de pesquisa (A casa cearense como documento e memória: inventário de residências históricas em Fortaleza-CE), sob supervisão da professora Dra. Ana Cecília Vasconcelos. O grupo totalizou 12 pessoas, incluindo a docente responsável e a pesquisadora.

Figura 1: Material utilizado na vivência do percurso proposto.

Fonte: Autora (2020).

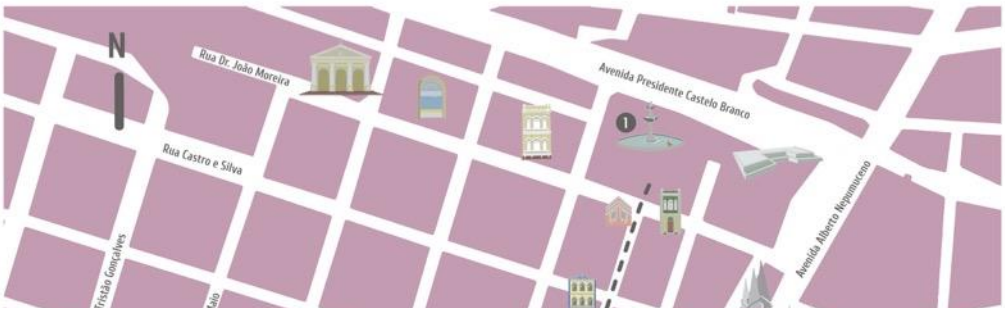
O ponto de encontro acordado com os alunos foi a Praça dos Mártires, conhecida como Passeio Público, às 8h (Figura 2). Entretanto, devido ao período festivo em que aconteceu a caminhada (natalino), a feira popularmente chamada de Feira Sé, que normalmente acontece no período da madrugada e se estende pela manhã de dois dias da semana (quarta-quinta e sábado-domingo), estava em pleno funcionamento, o que ocasionou em atrasos por parte de alguns participantes da atividade e em de ajustes no roteiro do percurso.

Figura 2: Passeio Público de Fortaleza.

Fonte: Autora (2020).

Essa mudança era necessária, pois um dos pontos que seriam visitados seria a Praça Pedro II (conhecida como Praça da Sé), um dos locais em que há uma significativa concentração de feirantes, o que prejudicaria a fluidez da experiência e seria um elemento de dispersão na concentração dos estudantes, ainda no início da vivência (2a parada da visita). Dessa forma, a pesquisadora combinou com a professora uma rota alternativa, que envolvesse o Sobrado Dr. José Lourenço, localizado na Rua Major Facundo e depois o trajeto seguiria para a Praça Waldemar Falcão, retomando ao que foi planejado inicialmente (Figura 3).

Figura 3: Mapa com o percurso vivenciado.



Fonte: Autores (2020)

Fonte: Porão Ateliê Criativo.

Por volta de 8h30 a pesquisadora iniciou a atividade, solicitando que cada um se apresentasse e compartilhasse as sensações e memórias que o espaço do Passeio Público despertava neles. Muitos reportaram que conheceram o espaço a partir da faculdade, alguns eram de outras cidades ou estados e, portanto, o Centro de Fortaleza era algo que não tinham interesse ou informações sobre o lugar. Sendo assim, a maior parte das memórias tinha vinculação com o Curso de Arquitetura e Urbanismo. Alguns relataram que tinham medo da área e que após conhece-la, já retornaram para almoços, mais especificamente para a Feijoada, que é oferecida cotidianamente em um restaurante localizado na Praça. Um dos estudantes mencionou que o lugar reporta à relação que ele tem com a natureza, remetendo a sua cidade natal no interior de Minas Gerais. Ele destacou o significado e a importância do Baobá para o Passeio Público.

Após esse momento de compartilhamento de memórias e impressões, a guia lê trechos do livro “A Normalista” e do Jornal O Pão, que tratam sobre a Praça dos Mártires. As passagens mencionavam sobre a rotina do lugar, uma área voltada ao lazer e congregação dos fortalezenses no final do século XIX, aos domingos e quintas-feiras. A guia então mostrou uma imagem antiga de uma das vistas do Passeio Público e solicita que os participantes identifiquem os elementos que permaneceram na contemporaneidade. Além disso, foi apresentado o conjunto de bens de valor cultural do entorno e da importância dele para a ambiência do Passeio. Em seguida, o grupo foi convidado a seguir pela Rua Marechal Deodoro em direção ao Sobrado Dr. José Lourenço.

Nesse trecho os alunos compartilharam as lembranças que a edificação despertava neles (Figura 4). Foram relatadas memórias sobre trabalhos acadêmicos, que envolviam o Sobrado, bem como semelhanças com imóveis do sítio histórico de Aracati (sítio histórico cearense distante quase 170 km de Fortaleza). A professora Ana Cecília reforçou a semelhança do bem com o conjunto histórico de Aracati e juntamente com a pesquisadora foram tecidos comentários acerca da importância do imóvel para a capital cearense. Em seguida, todos seguiram pela Rua Senador Alencar em direção à Praça Waldemar Falcão.

Figura 4: Sobrado Dr. José Lourenço.

Fonte: Autora (2020).

Ao alcançarem o lugar, um dos participantes mencionou que o ambiente remetia à imagem de um centro da cidade. Então a guia iniciou a discussão sobre a história daquele espaço, conectando ao seu passado vinculado ao comércio de feira livre e de mercados públicos. O entorno do lugar é marcado por um conjunto *art déco* e protomoderno, a pesquisadora aproveitou para apresentá-lo ao grupo. Os alunos ficaram curiosos com o segundo estilo arquitetônico mencionado e tanto a guia quanto a professora esclarecem as diferenças entre ambos (Figura 5).

Figura 5: Praça Waldemar Alcântara e entorno.

Fonte: Autora (2020).

Em seguida, a guia conduziu o grupo ao próximo ponto: Praça General Tibúrcio (Leões). Esse espaço suscitou dos participantes diversas manifestações e curiosidades. Uns comentaram que vinham quando crianças com os pais para a compra e venda de livros no início do ano; um dos participantes mencionou que houve um casamento, que cerceou a praça; outros haviam participado de palestras sobre o espaço, experiências de desenhos com o grupo *Urban Sketchers*; alguns ainda relataram que o lugar trazia a memória pessoas jogando dama e episódios de violência urbana. Uma das estudantes disse: “A Praça dos Leões é a Praça dos Mártires de hoje”. Ela justificou que atualmente os jovens utilizam o espaço como entretenimento, para dançar os mais diversos ritmos, brincar carnaval, além de café e bares que corroboram com o aspecto boêmio do lugar. De uma forma geral, a Praça dos Leões despertava nos participantes boas recordações (Figura 6).

Figura 6: Praça dos Leões.

Fonte: Autora (2020).

A pesquisadora convidou o grupo para o último ponto de discussão: Praça do Ferreira. Ao chegar na Praça, várias manifestações de sentimentos foram expressadas pelo grupo: Festa, alegria, família, Natal, afeto, lembranças e protestos políticos e/ou culturais (Figura 7).

Figura 7: Praça do Ferreira.

Fonte: Autora (2020).

A pesquisadora mostrou uma imagem antiga do lugar e indaga quais os elementos permaneceram e quais desapareceram da paisagem da Praça. Em seguida, a guia tece elucidações sobre uma das personalidades da contemporaneidade mais marcantes da Praça do Ferreira e do Centro: o poeta Mário Gomes. Ele foi um poeta e *flâneur* na cidade de Fortaleza. Falecido em 2014, deixou escrito diversos poemas dos mais variados temas, mas a rua e mais especificamente o Centro de Fortaleza era a sua grande paixão, tornando-o a sua morada. Nesse momento os estudantes observam outros ocupantes da praça (um homem e seu cachorro que fingem de estátua, um vendedor de cocos e algumas pessoas em situação de rua). A pesquisadora então retoma à história de Mário Gomes e de pessoas que assim como ele, se tornam invisíveis aos olhos dos demais e que guardam uma riqueza cultural inimaginável.

Encerrando a discussão, com quase duas horas de atividade, a pesquisadora solicitou que os participantes pudessem tecer suas observações e ponderações acerca da experiência. Foi um momento de empolgação do grupo, que inicialmente ficou reticente em pontuar aspectos negativos da vivência, mas que a partir do incentivo da pesquisadora, teve desenvoltura em elaborar uma síntese da atividade (Figura 8). A dinâmica da experiência explicitada pela guia era a seguinte: adesivo vermelho (aspectos negativos), adesivo prateado (aspectos positivos) e post-its (frases que expressavam os sentimentos, memórias do lugar/experiência).

Figura 8: Participantes e suas percepções sobre a experiência.

Fonte: Autora (2020).

Como síntese da proposição e experimentação de percurso sobre a história de Fortaleza, pode-se inferir que apesar das transformações, da intensa atividade comercial, dos problemas sociais e urbanísticos, a área central é um espaço convidativo à prática do caminhar e conhecer a história. Tecer e construir significados é intrínseco ao percurso temporal do lugar. Ele é um receptáculo da memória urbana e conhecê-lo permite construir narrativas contemporâneas a partir das rugosidades (Santos, 2006).

Utilizar as áreas centrais históricas como sala de aula é uma ferramenta a ser explorada pelos docentes. Elas são passíveis de serem adaptadas a diversas temáticas e campos do saber. Entretanto, adaptações e flexibilidade são necessárias para atividades como a que foi proposta na pesquisa. Por seu caráter dinâmico e pulsante, torna-se impossível conduzir perfeitamente o que foi planejado como exercício no Centro. Portanto, o guia, professor ou responsável deve estar atento à conjuntura do lugar, ser flexível e ter a imagem mental da área, conhecendo seus meandros e caminhos alternativos para que o objetivo principal seja alcançado – a educação patrimonial.

Observou-se a partir da vivência que mesmo sem destacar alguns pontos na atividade, houve um reconhecimento e afetividade por parte dos participantes de outros elementos, que também possuem relevância para a cultura e memória da cidade.

Além disso, devido ao avanço e aprimoramento do estudo, desenvolveu-se uma proposta atualizada de *folder*/mapa do roteiro, intitulado de Circuito Cultural do Patrimônio no Centro de Fortaleza. Esse documento apresenta-se mais completo que o anterior, contemplando explanações sintetizadas de outros elementos de relevância cultural. O intuito desse mapa expandido é estimular os participantes a terem curiosidade em conhecer mais sobre o sítio, retornando à área posteriormente e construindo seus próprios caminhos e deambulações (Figura 9).

Figura 9: *Folder* do Circuito Cultural do Patrimônio no Centro de Fortaleza.

Fonte: Porão Ateliê Criativo.

O quadro abaixo resume a proposta metodológica de caminhadas culturais em espaços históricos de um lugar (Quadro 3).

Quadro 3: Resumo da proposta metodológica proposta pela pesquisa.

PONTOS	AÇÕES
1	Estabelecimento de pontos de discussão – sugestão praças históricas ou espaços que permitem reunir um grupo para discutir e analisar a área do entorno.
2	Construção de um roteiro que conecte as praças e espaços dos pontos de discussão. Escolher áreas sombreadas, exclusivas para pedestres ou que contemplem pontos de rotas seguras para os caminhantes.
3	Identificação de material (livros, dados, jornais históricos, fotos históricas e poesias) que retrate os espaços que serão visitados.
4	Identificação de informações atuais do lugar, elementos da cultura popular e do cotidiano, que aproximem o patrimônio consagrado da vivência dos participantes.
5	Elaboração de um *folder* contendo o percurso que será caminhado, bem como informações extras, que possam incentivar os participantes a traçarem os seus próprios caminhos em um momento posterior, construindo suas deambulações.
6	Lona com o roteiro em escala maior para a construção do mapa síntese ao final da experiência.
7	Grupo de no máximo 15 participantes.
8	Organização da atividade para que tenha aproximadamente, 2 h30 de duração.

9	Dialogar com os participantes para ouvir suas impressões sobre o lugar e estabelecer conexões com memórias anteriores dos mesmos.
10	Material de apoio para a atividade: canetas, *post-its*, *folder*, lona com roteiro, imagens históricas, textos com as informações necessárias para a discussão.

Fonte: Autora (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir e incentivar o caminhar nas cidades brasileiras requer o enfrentamento de muitas questões que perpassam da cultura às condições físicas que possibilitam o andar. Pode-se inferir que apesar das transformações, da intensa atividade comercial, dos problemas sociais e urbanísticos, a área central é um espaço convidativo à prática do caminhar e conhecer a história. Tecer e construir significados é intrínseco ao percurso temporal do lugar. Ele é um receptáculo da memória urbana e conhece-lo permite construir narrativas contemporâneas a partir das rugosidades (Santos, 2006).

Utilizar as áreas centrais históricas como sala de aula é uma ferramenta a ser explorada pelos docentes. Elas são passíveis de serem adaptadas a diversas temáticas e campos do saber. Entretanto, por seu caráter dinâmico e pulsante, torna-se impossível conduzir perfeitamente o que foi planejado como exercício no Centro.

Portanto, o guia, professor ou responsável deve estar atento à conjuntura do lugar, ser flexível e ter a imagem mental da área, conhecendo seus meandros e caminhos alternativos para que o objetivo principal seja alcançado – a educação patrimonial.

A partir dos percursos acompanhados foi possível compreender que eles estavam essencialmente ancorados na perspectiva de um roteiro do tipo *mindless*, apesar de também conterem elementos da tipologia *mindful* (Costa, 2014). Entretanto, o aspecto informativo da experiência estava bastante evidente, portanto, seria mais interessante canalizar as atividades de educação patrimonial para abordagens mais narrativas. Ressalta-se que,

independentemente do formato dos roteiros, é indiscutível a contribuição desses guias para a educação patrimonial na cidade. É louvável o esforço de discutir e formar indivíduos sobre a história de Fortaleza, tornando-os, talvez, futuros agentes de preservação e/ou difusão do conhecimento aprendido.

A proposição de uma metodologia de percurso orientado foi elaborada embasada nos acertos e ajustes oriundos das experiências acompanhadas ao longo da pesquisa. Nelas observaram-se quais os trechos, estratégias metodológicas, informações compartilhadas e horários foram mais utilizados e considerados adequados pelos participantes. Por conseguinte, a estrutura metodológica apresentada consiste em um roteiro relativamente compacto, mas que contempla o sistema de praças históricas bastante significativo e um conjunto de bens consagrados na história da cidade para a compreensão da formação urbana. Ademais, foram inseridos elementos que agregam valor à experiência, tais como: fotos, jornais antigos, livros e personalidades históricas, ou seja, ferramentas que permitem ampliar a vivência para além dos que os caminhantes podem ver, trabalhando, assim, um olhar diversificado para uma paisagem que outrora não suscitava esses dados discutidos.

A proposta metodológica da pesquisa não esgota a possibilidade de outros caminhos, que sejam igualmente relevantes para a formação patrimonial serem traçados. Ou ainda que sejam essenciais para a educação em uma perspectiva mais ampliada, pois, como foi discutido ao longo da pesquisa, há variadas formas e temas que podem utilizar o caminhar como instrumento de ensino.

O estudo pode inspirar o desenvolvimento de outras possibilidades de percursos a serem exploradas: roteiros envolvendo a literatura, o cinema, personalidades históricas, cultura popular, referências comunitárias e deambulações. Esses outros temas de percurso podem ser utilizados para a discussão de um patrimônio não-consagrado, contribuindo com a discussão mais ampla do patrimônio cultural. Além disso, pode-se pensar em uma caminhada que contemple tanto um trajeto estruturado, bem como estimule que os participantes possam fazer suas errâncias na área histórica e retornem posteriormente para discutir suas impressões e descobertas sobre o lugar. Também se pode pensar em aplicação de mapas

mentais e questionários para aferir a qualidade da apreensão que a caminhada cultural proporcionou ao grupo.

REFERÊNCIAS

ALLIS, T. Projetos Urbanos e Turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. In: VARGAS, H. C.; PAIVA, R. A. (org.). **Turismo, arquitetura e cidade**. Barueri, SP: Manole, 2016.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1ª ed. São Paulo: G. Gili, 2013.

CARERI, F. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

COSTA, F. R. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

GEHL, J. **Cidade Para Pessoas**. 2.ed. São Paulo: PERSPECTIVA, 2013.

GHIDINI, R. A caminhabilidade: medida urbana sustentável. **Revista dos Transportes Públicos,** v. 33, p. 21-33, 2011.

GIL, C.Z. de V. Estágio de Docência em História: Saberes e práticas na educação para o patrimônio in: GIL, C.Z. de V.; TRINDADE, R.T.Z. **Patrimônio cultural e ensino de história**. - 1 ed. - Porto Alegre, RS: Edelbra, 2014.

HONORATO, R. **Se essa cidade fosse minha...A experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1999.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LONDRES, C. O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações in TOLENTINO, A. B. (Org.). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOLL, J. Um paradigma contemporâneo para a Educação Integral. Pátio: Revista Pedagógica, Edição Artmed, Rio Grande do Sul, ago./out. 2009 in: PINHEIRO, A.R.S. (Org.). **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial – Fortaleza: SECULTFOR: IPHAN, 2015.

NORIZA, R.; ARIFFIN, R.; ZAHARI, R. K. Perceptions of the Urban Walking Environments. **Procedia Social and Behavioral Sciences,** v. 105, p. 589-597, 2013.

PAIVA, L. **Urbanismo caminhável**: a caminhabilidade como prática de construção de lugares. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4 ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SONI, N., SONI, N. Benefits of Pedestrianization and Warrants to Pedestrianize an Area. Land Use Policy, v. 57, n. 3, p.139-150. 2016 in BRANDÃO, T. C. **Avaliação do índice de Caminhabilidade do Centro Histórico de Ouro Preto**. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental). Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

SPECK, J. **Cidade caminhável**. 1. São Paulo: Perspectiva, 2016.